

Permitidas a reprodução e a distribuição. Para alterações, solicitar o prévio consentimento da ICK.

Edição Número 16 - Inverno / 2007

ICK em revista

www.krishnamurti.org.br

Instituição Cultural Krishnamurti

Rua dos Andradas, 29 - 1007

Rio de Janeiro - RJ - CEP 20051-000

Tel./Fax: (21) 2232-2646



Nota Editorial

Artigos

O tempo, o sofrimento e a morte

O problema da segurança

O mecanismo de formação de imagens

A essência da bondade e da virtude

Notícias

Encontro internacional de comitês

Nota Editorial

Durante pelo menos um milênio, a propagação do Cristianismo ao redor do mundo, em suas formas cristalizadas como a Igreja Católica, foi um dos fatores responsáveis pelo obscurantismo, pela superstição, pelas guerras e por inúmeras misérias, como a caça às bruxas, as cruzadas, o saque e a escravização do povo judeu na Europa, dentre outras mazelas. Durante mais de mil anos, uma gigantesca parcela da humanidade permaneceu adormecida, sem um único avanço científico importante, sem um único passo dado em direção ao crescimento moral e psicológico do homem.

Na Índia do século XIX, um Hinduísmo embrutecido e quase completamente dogmático lutava para se desvencilhar de uma visão estreita que valorizava o culto a imagens e exigia fidelidade irracional de seus fiéis, uma ideologia que pode ser vista como causadora, em muitos aspectos, da proliferação desenfreada da pobreza material e da opressão inerente ao sistema de castas, que até hoje vigora e provoca a miséria de milhões de pessoas, para não falar na estigmatização e abandono das mulheres.

Destinos semelhantes tiveram todas as grandes religiões, em algum momento recente de sua história. Hoje, como descendentes diretos dessa colonização ideológica, possuímos talvez a imagem de um deus externo e responsável pela criação do mundo, que teria durado sete dias; alguns de nós acreditam que há uma lei impessoal responsável por determinar a boa sorte que teremos na vida terrena, e que essa vida pode ser única ou apenas uma dentro de uma cadeia infundável de nascimentos, dos quais apenas alguns de nós, ao que parece, conseguiriam se lembrar. Certas pessoas acreditam que serão julgadas, ao fim da vida, com base nos seus atos na Terra, e algumas supõem inclusive que há entidades especificamente dedicadas à função de registrar, de algum modo, os atos de cada ser vivente sobre a Terra, para assim se poder realizar um julgamento justo.

Perdidos em meio a um sem-número de crenças, conseguimos achar absurdas aquelas com as quais travamos contato superficialmente durante a vida, mas somos quase totalmente incapazes de eliminar os valores sutis que nos foram incutidos desde o nascimento, como o sentido de recompensa e punição, a idéia da existência do tempo ou a noção de que há um destino ou uma moral absoluta, uma separação exata entre bem e mal, dentro da qual nós mesmos vivemos presos, sofrendo e agindo às cegas até o fim da vida.

O fato é que, como seres humanos de segunda mão que somos, a maioria de nós não faz idéia de qual seja o sentido da vida, e, quando muito, busca encontrá-lo. Para isso recorreremos aos livros considerados sagrados e às histórias que nos foram contadas por nossos pais e avós. Sabemos que nenhum

deles conheceu, por si, coisa alguma, e mesmo assim insistimos em perpetuar a crença. Nossa culpa, nossos prazeres e medos, o que podemos e o que não podemos fazer na vida, quase toda a nossa moral vem da crença, e ainda não aprendemos a desconfiar dela.

Nessa edição, buscamos enfatizar questões fundamentais como o tempo, a morte e a idéia de segurança, elementos que absorvemos inconscientemente de acordo com nosso fundo ideológico e religioso. Assim como nos habituamos a tudo que nos cerca, nos habituamos muito facilmente às palavras daqueles poucos seres humanos que alegam ter encontrado, por si mesmos, alguma verdade. Esse é freqüentemente o caso com relação aos ensinamentos de Krishnamurti.

O tempo, o sofrimento e a morte

Falemos, pois, sobre o tempo. Provavelmente, a maioria dentre vós nunca pensou a seu respeito; ou, se o fizestes, pensastes no que irá acontecer amanhã ou daqui a dez anos. Mas, provavelmente, não pensastes nele como um fator em nossa vida. Com a palavra "tempo", refiro-me ao tempo psicológico, e não ao tempo cronológico, medido pelo relógio - ontem, hoje, amanhã, a próxima hora e o que ides fazer depois desta reunião. Neste tendes pensado, decerto, porque sois forçado a fazê-lo; mas não fostes mais além, a fim de investigar, de descobrir por vós mesmo o extraordinário significado do tempo. Nunca levamos o tempo "a uma crise". Sempre tratamos de evitá-lo. Nunca investigamos com cuidado essa coisa chamada presente, passado, futuro, essa continuidade que se nos apresenta como passado, presente, futuro - cheia de confusão, ansiedade, remorsos, dores, alegrias e tudo o mais por que a mente passa, através desse período de tempo chamado ontem, hoje, amanhã.

(...)

O tempo, para a maioria de nós, é um movimento do passado que se expressa no presente e condiciona o futuro. E, também, o tempo representa um processo gradual de preenchimento. Servimo-nos do tempo para adiar; servimo-nos do tempo como meio de mudarmos **disto** para **aquilo**. E é possível não haver tempo? O tempo só existe para o homem que pensa em termos relativos ao passado e seu movimento, através do presente, para o futuro - movimento do qual dependem suas realizações, seu cultivo da virtude, sua capacidade, sua aquisição de técnicas, etc. Tudo isso está no nível da realização, do desenvolvimento, da acumulação. Fazemos, pois, uso do tempo; e a mente que se prendeu a esse uso do tempo é incapaz de compreender isto: que provavelmente o tempo não existe, absolutamente.

Considere-se um homem que durante trinta ou quarenta anos de sua vida freqüentou assiduamente um escritório - como cientista, engenheiro, físico, burocrata. Como pode esse homem, após ter exercido suas atividades profissionais, em todo esse período de quarenta anos, compreender algo que não sejam suas funções, sua rotina? Suas células cerebrais estão exaustas, deformadas, contorcidas, gastas; não são frescas, jovens, ardorosas, alertadas, cheias de vitalidade. Suas reações são lentas. Ele foi ambicioso, foi impelido pela ambição, pela avidez, pelo desejo de posição, de poder - sempre fazendo uso do tempo. O tempo o emurcheceu, levou-lhe a mente ao declínio. Essa mente - e assim é a mente da maioria de nós - quando se abeira do problema do tempo, é incapaz de compreender-lhe o pleno significado. Mas essa mente tem de compreender o tempo, e só poderá compreendê-lo quando estiver consciente do problema e consciente de que foi destruída por quarenta anos de

rotina. Quando a mente compreende que pode comprimir a totalidade do tempo num só minuto, e compreendê-lo integralmente - é a isso que chamo "levar o tempo a uma crise".

O tempo é continuidade - o que **foi**, o que **será**, o que **é**. É só isso que conhecemos. Nossas lembranças, nossas experiências, as coisas que ouvimos, armazenamos, as experiências com que nos encontramos no passado e que tornaram mais forte o passado - tudo isso nos dá continuidade. A memória, o prazer, as dores, os insultos, as iras, as brutalidades, os virulentos estados de ódio, inveja, ciúme, a competição, o ímpeto da ambição e o desejo desapiedado - essa continuidade é o que chamamos Vida. Nunca pomos a totalidade dessa existência dentro de um minuto, para a compreendermos, e prosseguimos repetindo, repetindo, repetindo... E isso que chamamos Vida está preso na rede do tempo, e por essa razão há sempre o amanhã, cheio de dor, de ansiedade, de sofrimento.

É o tempo que dá a dor e o prazer. Porque o pensamento tem continuidade. Pensais numa coisa que vos dá prazer - sexo, vossa posição, ou aquilo que desejais realizar - continuais pensando nessa coisa, e desse modo lhe dais continuidade. O mesmo acontece se pensais na dor, na maneira de evitá-la, etc.; o vosso pensar dá continuidade à dor. Tende a bondade de observar-vos; observai como dais continuidade a esse existir que chamais Vida, cheio de ansiedade, de desespero, de agonia, com passageiros prazeres; por conseguinte, estais vivendo no tempo, no tempo psicológico. Dessarte, o passado - com todas as suas lembranças, suas cicatrizes, de prazer, de dor, com todas as coisas que adquiriu e ouviu, a tradição - molda o presente, e o presente molda o futuro. E assim é que nos tornamos escravos do tempo.

Deveis descobrir por vós mesmo - sem ser ensinado por outro - se o tempo existe realmente. Se deveras não tivésseis amanhã, toda a vossa vida seria transformada imediatamente; lançaríeis fora todas as inutilidades que vos atravancam a mente, tudo o que aprendestes, adquiristes, ouvistes dizer; e vos veríeis tão extraordinariamente ativo que não teríeis tempo - o tempo não existiria para vós.

A mente que "não tem tempo" pode encarar a morte com olhos diferentes. Não é então a morte algo de distanciado por um intervalo de anos - com a velhice e um sem-número de agonias e de dores; ela não está **lá** e vós **cá**; esse espaço é que é o "tempo". E este "tempo" que vos apavora, é ele que temeis, e não a morte. E o tempo traz o declínio; não traz riqueza, madureza. Não o compareis com o fruto de uma árvore; esse precisa do tempo; precisa de sol, de chuva, de sombra, de nutrição; e, depois, quando o fruto está maduro, cai da árvore. Mas nós "não temos tempo". Se dependeis do tempo, vos vedes envolvido em sofrimento. Estais então pensando em termos do que foi, do que

será, do que deveria ser. E, para compreenderdes o sofrimento, a dor - a dor física, a dor moral, a tristeza de ter perdido alguém - não deveis depender do tempo, **não deveis ter tempo!**

Não sei se já passastes por sofrimentos. Mas a maioria de vós evita o sofrimento, ou cultua o sofrimento, ou o aceita. Se fordes a uma igreja, na Europa ou neste país, vereis como se rende culto ao sofrimento. E aqui, neste país, tendes explicações para o sofrimento: **karma**, etc. Nunca vos opusestes, com todo o vosso ser, ao sofrimento. Vós o aceitastes - e este é que é o lado triste do sofrimento.

Que é sofrimento? Alguém dentre vós já conheceu realmente o sofrimento? A palavra "sofrimento" é acompanhada de suas "memórias" - as lembranças inspiradas pela auto-compaixão, lembranças de coisas passadas, de coisas que fizestes ou deixastes de fazer, em companhia de vosso amigo, de vossa esposa, de vosso filho, de quem quer que seja. A memória, o retrato, a palavra, o símbolo cria aquele sofrer; e dizeis, então: "Temos de evitá-lo, temos de encontrar uma razão para ele"; e começamos a inventar, a considerar o futuro como meio de dominar alguma coisa. Se nenhum tempo houvesse, nenhum amanhã, não aceitaríeis o sofrimento, porque não teríeis tempo para pensar - pois o pensamento gera sofrimento. Não sei se já notastes que o sofrimento ou é pessoal ou é o sofrimento **do homem** - do homem que tem sofrido, que tem sido impelido, forçado a fazer coisas, a crer e a aceitar o que lhe é inculcado por uma propaganda de mil ou dez mil anos. Há o sofrimento do homem como um todo, e há o sofrimento do ente humano em particular. Morre meu filho; guardo na mente o seu retrato. Nele eu depositara todas as minhas esperanças, todos os meus deleites; foi o meu ego, prolongado naquela pessoa, que morreu. Vejo-me roubado de tudo o que tinha; vejo-me subitamente só, subitamente isolado de tudo. Sabeis o que significa solidão? Já experimentastes, de fato, aquele estado de completo isolamento em que não há relação com coisa alguma, nenhuma identificação com outrem - com vossa mulher, vossos filhos, vosso país - no qual vos vedes segregado de tudo? Quando vos sentis só, vosso passado nada significa, vossas experiências perderam sua importância; vosso emprego, vossa família, nada significam; ainda que rodeado de uma multidão, não estais em relação com coisa alguma. Não sei se já passastes por esse estado de solidão. Se não, jamais conhecereis o fim do sofrimento. Porque esse é o caminho e uma parte de vós mesmo - esse intenso e completo isolamento, essa solidão. E dessa solidão estamos sempre, consciente ou inconscientemente, fugindo, por meio da bebida, do sexo, dos deuses, da oração, de toda sorte de ilusão.

Essa solidão tem de ser compreendida. Cada um de nós, no íntimo de sua alma, conhece a solidão; conhece-a, não no sentido de experimentá-la,

porém verbalmente, através de sugestões, de ocasionais vislumbres dela. Conhecemo-la, mas não a compreendemos; não sabemos viver com ela, lidar com ela; tratamos de fugir e de preencher-nos de várias maneiras. Mas ela continua existente, inexorável, sempre presente. E, assim, quando o meu filho morre, vejo-me frente a frente com ela, e traduzo o meu sofrimento em fugas à solidão. Sabeis que há dúzias de vias de fuga - penso em reunir-me a meu filho no céu, tenho certas conclusões, certas explicações, como a reencarnação! Mais uma vez o tempo: encontrar-me-ei com ele, farei com ele **isto** ou **aquilo**, é meu **karma**, etc. Fugindo, destes entrada ao tempo. E, no momento em que admitis o tempo, admitis o sofrimento e, por conseguinte, o sofrimento e o tempo causam o declínio, a deterioração da mente.

Assim, quando há sofrimento, não devemos fugir à solidão, porém compreendê-la totalmente. Sabeis o que significa "viver com uma coisa", agradável ou desagradável? Requer-se muita energia para se viver com alguma coisa. Viver com uma árvore, com a família, com a sujidade, a sordidez, com qualquer coisa, exige tremenda energia; porque, do contrário, acostumamo-nos com a coisa. Provavelmente vos acostumastes com o pôr-do-sol, com a água do rio que corre manso, refletindo o céu. Quando vos acostumais com uma coisa, não mais a notais. No momento em que vos acostumais, não estais mais vivendo. E é isso o que fazemos.

Acomodamo-nos com os governos, com nossas famílias, nossas disputas, com a sordidez, a imundície, a miséria, com tudo, porque nos acostumamos com essas coisas. Sente-se, primeiro, um choque, dor; depois, gradualmente, encontramos meios e modos de acostumar-nos com a coisa, e esse meio é o tempo. Acostumo-me com a morte de meu filho; por conseguinte, aceitei o sofrimento; vem daí a autocompaixão. Se não houver autocompaixão, compreendereis o sofrimento, sabereis lidar com ele imediatamente, porque o sofrimento deve terminar.

E o fim do sofrimento é o começo da sabedoria. Não podeis adquirir sabedoria lendo livros ou freqüentando escolas. A sabedoria só vem ao homem quando o sofrimento termina. Isso significa que tendes de compreender o problema do pensamento e do tempo. Nós gostamos do sofrimento! Se retirásseis o retrato do ser que amastes da parede de vosso quarto ou da parede de vossa mente, consideraríeis isso uma coisa terrível. Mas não amais realmente tal pessoa, amais a lembrança de um ser que, outrora, vos dava aprazimento. Não pensais na pessoa, nas etapas de sua vida, nas brigas que com ela tivestes, em vossas mútuas ansiedades e rivalidades. Nada disso guardais. Guardais apenas aquele retrato de que gostais e de que não desejais separar-vos. Porque, se dele vos separais, ficais sozinho, isolado, perdido; e de novo começa o sofrimento.

Mas o homem que rejeita o sofrimento, que não o aceita, que nenhuma filosofia tem, nenhuma igreja, nem fórmulas, nem crenças - só esse homem pode olhar essa coisa extraordinária chamada sofrimento. E, para pôr fim ao sofrimento, cumpre investigar a questão da memória e compreender quando a memória é necessária e quando é prejudicial. Se chegamos até aí, não verbalmente, porém de fato, podemos então enfrentar a morte.

Vereis, então, que quando se está livre do conhecido, a morte está presente; então, pouco vos importa saber se há ou não reencarnação. E, de mais a mais, que é que continua? Só vosso pensamento, vossa memória, tem continuidade, e não a chamada "essência espiritual". Se é a essência espiritual, não podeis pensar a respeito dela. No momento em que nela pensais, a trouxestes para o campo do tempo, o campo do sofrimento; por conseguinte, não se trata absolutamente de uma essência espiritual, porém de mero produto do pensamento. Quando falamos de alma como algo que continuará a existir, estamos ainda dentro dos domínios do pensamento. E onde o pensamento domina, cria-se o medo. Vede-vos aprisionado no círculo vicioso do tempo, do sofrimento e do medo da morte.

(...)

É, pois, necessário estardes intensamente despertos e sensíveis. Sabereis então o que significa morrer e o que significa viver totalmente - no sentido de que vossa mente não tem futuro, não tem amanhã, porque nenhum passado tem; já não está empenhada em "vir a ser" - está simplesmente fluindo, vivendo, em movimento. E para uma coisa que está em movimento, que flui, não existe a morte. A morte só existe para aquele que deseja a continuidade. Mas o homem que morre a cada minuto para tudo, para todos os prazeres, todas as dores, todos os hábitos, bons ou maus, esse homem conhecerá, por si próprio, o que existe além da morte, o que existe além das agonias desta vida. Além, existe algo - não porque o digo. Cabe-vos descobri-lo por vós mesmo. Mas, para o descobrires, não deve haver sofrimento; porque, onde mora o sofrimento, aí não mora o amor. E, sem o amor, jamais compreendereis o que é a morte.

Madrasta, 26 de Janeiro de 1964
De *O Despertar da Sensibilidade*, pg. 59-67
© 1965 Krishnamurti Writings, Inc.

O problema da segurança

Existe segurança? Existe essa permanência que o homem incansavelmente busca? Como vós mesmo sabeis, vosso corpo muda, as células do corpo se transformam constantemente. Como podeis ver, nas relações com vossa esposa, filhos, vizinhos, com o Estado, com a comunidade - existe alguma coisa de permanente? Gostaríeis de tornar tudo permanente. Chamais as vossas relações com vossa esposa de "matrimônio", e a elas vos apegais firmemente. Mas existe permanência nessas relações? Porque, se colocastes a permanência em vossa esposa ou marido, e ele ou ela vos abandona, ou olha para outrem, ou morre, ou cai doente, vos vedes completamente desorientado, sentis ciúme, sentis medo, correis para o templo a praticar **puja**, abris a porta a tudo quanto é absurdo.

Observai, por favor, vossa própria mente, observai vossa própria vida. Porque se não compreenderdes vossa vida, a angústia, a desdita, a constante batalha de vossa existência de cada dia, não podeis ir muito longe. Podeis falar de Deus, de amor, de beleza - mas nada disso tem valor algum. Para poderdes ir muito longe, deveis começar com o que está mais perto. E o que está mais perto de vós sois vós mesmo; aí é que deveis começar.

Assim, cabe-vos investigar e descobrir por vós mesmo se existe segurança, se existe permanência, algum estado imperturbável. Não importa do que disseram outros, Sankara ou quem quer que seja; excluí-os de vossa investigação, pois nenhuma verdade têm para vossa vida; neles há tanta verdade como num conto policial. A verdade é **vossa** vida, a batalha, a angústia, o conflito, os problemas. Se não compreenderdes inteiramente esse campo, não tereis possibilidade de ir mais longe; se fordes mais longe, estareis entrando na esfera da ilusão, da fantasia, de um mito sem validade alguma.

Agora, ao começardes a investigar, fazei-o com o fim de descobrir o que é verdadeiro, o que é real - real, no sentido de fato psicológico, e não como gostaríeis que fossem as coisas ou como pensais que deveriam ser. A verdadeira condição de todo ente humano é a incerteza. Os que percebem o real estado de incerteza, ou vêem o fato e com ele "ficam vivendo", ou perdem o equilíbrio, tornam-se neuróticos, porque não podem olhar face a face a incerteza. Não podem viver com algo que demanda extraordinária mobilidade da mente e do coração; por isso se tornam neuróticos, tornam-se monges, adotam as mais fantásticas formas de fuga. Deveis, pois, ver o que é real, sem tratar de refugiar-vos em "boas obras", visitas ao templo, falas... O fato é algo que exige toda a vossa atenção. O fato é que todos estamos na insegurança, que nada existe de seguro.

O fato é que nada é certo, **nada**. Meu filho poderá morrer, minha mulher fugir de casa, e eu adoecer; nada é certo. Ora, por que não aceitar o

fato e viver com ele? Sabeis o que significa "viver com uma coisa"? Já experimentastes viver com uma coisa, sem vos acostumardes a ela? Uma pessoa pode acostumar-se facilmente com uma árvore, com a beleza do pôr-do-sol; isso é muito fácil. Mas, "viver com a árvore", ver todos os dias o pôr-do-sol como coisa nova, ver a folha como se a estivesseis vendo pela primeira vez, com clareza, com intensidade, com sensibilidade para a extraordinária beleza dessa folha - isso não exige memória; exige que a olheis cada dia como coisa nova, de maneira nova, com intensidade.

Devemos, pois, viver com a incerteza. Porque só a mente que está incerta é criadora, e não aquela que tem continuidade; não a mente que precisa estar em perfeita segurança para criar, escrever poesias... Isso é completa falta de maturidade, pura infantilidade. Quando estiverdes vivendo naquele estado de completa insegurança interior, vereis como sabereis enfrentar com clareza, com presteza, qualquer problema da vida, não importa em que nível, qualquer crise, qualquer desafio. Porque, para a maioria de nós, a reação inadequada ao desafio é o começo do conflito. A vida nos oferece constantemente - a cada um de nós, de diferentes maneiras, segundo nossos gostos e temperamentos - desafios, conscientes ou inconscientes, em todas as vinte e quatro horas do dia. Como "respondeis", de cada vez? Completamente, de modo que não haja conflito algum? Vossa "resposta" tem de ser perfeitamente adequada, e não é possível mantê-la sempre assim. Quando a "resposta" é inadequada, cria-se um problema; é necessário então enfrentar o problema imediatamente, e prontamente resolvê-lo. E isso só é possível quando vossa mente se acha num completo estado de movimento, livre de peias, viva, vigorosa. E só podeis ter essa vitalidade, essa mobilidade, essa tremenda "atividade da inação", com vossa mente completamente livre de todos os temores relativos à segurança.

(...)

A vida da maioria de nós é vazia. Por isso, procuramos preenchê-la com coisas as mais variadas. Mas, se compreenderdes este problema da segurança e da insegurança, vereis, ao vos aprofundardes mais e mais - não estou dizendo "mais e mais" em sentido comparativo - vereis que não é questão de tempo. Compreendereis então completamente o problema da segurança e do conflito. Ireis descobrir - **descobrir, não crer** - por vós mesmo, um estado de completa existência, de completo **ser** - estado sem medo, sem ansiedade, sem obediência nem compulsão; um completo "estado de ser"; uma luz que não busca, sem nenhum movimento fora de si própria.

Bombaim, 12 de Fervereiro de 1964

De *O Despertar da Sensibilidade*, pg. 114-118

© 1965 Krishnamurti Writings, Inc.

O mecanismo de formação de imagens

Que mecanismo é esse que forma a imagem? Observai o que estou dizendo, não tenteis traduzi-lo para agirdes sobre essa base; observai simplesmente o que o orador está dizendo, escutai-o e observai a ação, sobre vós mesmo, da imediata percepção. Dizeis-me que sou "idiota". Essa palavra, com suas associações, põe em movimento a memória, contida nas células cerebrais. A palavra "idiota" tem suas associações, impressas na memória, no velho cérebro. O velho cérebro me faz dizer: "Idiota é você.". A reação, pois, provém do "velho", da memória. Ora, o mecanismo formador de imagens só funciona se não há atenção no momento em que a mulher irrita o marido, ou vice-versa. Quando, nesse momento, há atenção, o mecanismo não entra em funcionamento. Isso podeis observar por vós mesmo. No momento em que estou atento, podeis dizer-me o que quiserdes, e o mecanismo não funciona. Se, no momento em que dizeis "sou hinduísta", estais completamente atento, podeis perceber claramente o que isso significa: divisão, conflito, batalha. Só há essa percepção ao estardes completamente atento. Nesse momento, o mecanismo do "hinduísmo", ou seja, o condicionamento, pára.

Em seguida, pergunta-se: como pode a mente manter-se atenta a todas as horas? Não é isso que perguntais? Vede, no momento da atenção desaparece o condicionamento, cessa toda a formação de imagens; só quando não estais atento o mecanismo se acha em funcionamento: sois hinduísta, muçulmano, cristão, comunista. E, logo, se pergunta: pode-se sustentar essa atenção, isto é, pode ela **continuar**? Prestai atenção a isto, por favor: pode essa atenção existir sempre, perdurar? Isso implica o tempo, não é verdade?

Fazeis uma pergunta errônea ao indagardes: "Pode essa atenção perdurar? Posso mantê-la a todas as horas? Qual o sistema, o método de sustentar a atenção?". No momento em que perguntais "Como pode a atenção continuar?", dais entrada ao tempo e, por conseguinte, à desatenção. Quando estais plenamente atento, não há tempo; e quando, estando atento, percebeis e agis, está acabada a atenção. Não dizeis "Quero levá-la comigo."

Compreendeis, estais seguindo o que estou dizendo? No momento da atenção, vós vistes e agistes - percepção-ação - mas o pensamento entra em cena e diz: "Que coisa extraordinária! Eu queria que essa atenção existisse sempre, pois vejo que ela é um meio de agir sem conflito.". Por conseguinte, o pensamento deseja cultivar a atenção. Qualquer forma de cultivo requer tempo. Mas não se pode cultivar a atenção por meio do tempo. Assim: percepção, ação, e o fim da percepção; esquecei-a, para começardes de novo, cada vez, com a mente e as células cerebrais novas, sem a carga da percepção de ontem. Entendestes?

A mente é, então, sempre nova, juvenil, "inocente". A mente inocente é aquela que não pode ser ferida. Uma mente sem marcas de ferimentos recebidos - eis a verdadeira inocência; temos cicatrizes no cérebro e, com elas, queremos descobrir um estado mental sem ferimento algum. A mente inocente não pode ferir-se, porque nunca transporta um ferimento de dia para dia. Não há, pois, nem perdão, nem lembrança.

Madrasta, 6 de Janeiro de 1971

De *O Novo Ente Humano*, pg. 67-69

© 1975 Krishnamurti Foundation Trust LTD., Londres.

A essência da bondade e da virtude

O colorido da terra confundia-se com o do céu; os montes, os verdes arrozais em maturação, as árvores e o leito do rio arenoso e seco tinham a cor celestial; as pedras daqueles morros e até mesmo os rochedos misturavam-se com as nuvens. O sol do poente inverteu todas as posições, transformando o céu na terra e esta no céu. O esplendor do incêndio celestial refletia-se em cada faixa de nuvem, em cada pedra, em cada lâmina de capim, em cada grão de areia. A fúria da chama colorida ardia no céu resplandecente. Uma enorme pincelada dourada acentuava o contorno vermelho do morro; mais ao sul, o que se via era uma mescla ardente de verde-claro e azul-esmaecido; porém, no nascente, o antipoente tinha o fulgor do escarlate, do ocre-queimado, do carmim e do roxo-desvanecido. Magnífico espetáculo de luz e cor, em que tanto o nascente como o poente brilhavam intensamente. As nuvens, que rodeavam o sol do ocaso, tinham a pureza da chama eterna, cujo ardor penetrava todas as coisas e varava a terra, unindo os elementos da natureza. E o universo palpitava de vida e explodia em cores, exprimindo assim a própria divindade, não o deus do homem. Na transparência colorida dos montes, as pedras e rochedos pareciam flutuar, sem peso, e os morros distantes eram azuis, o azul de todos os mares e de todos os firmamentos. Saltava aos olhos o colorido intensamente rosa e verde dos arrozais maduros. E a estrada branca e purpurina, que cruzava o vale, se refletia no céu em raios de luz. Nós éramos aquela luz ardente, impetuosa, que explodia em todas as direções sem projetar sombras, sem criar raízes, sem emitir palavras. À medida que o sol se punha no horizonte, nós nos perdíamos no colorido mais intenso e violento do ocaso. Era um anoitecer impossível de ser lembrado.

Todo pensamento e sentimento deve florescer para que se complete o ciclo da vida e da morte; é preciso que tudo em nós floresça: a ambição, a avidez, o ódio, o regozijo, a paixão, para que de seu findar surja a redenção. Somente em liberdade pode alguma coisa vicejar, jamais na repressão, no controle e na disciplina, base de toda corrupção e perversão. O florescimento e a liberdade constituem a essência da bondade e da virtude. Não é fácil, por exemplo, deixar florescer a inveja; em geral, a condenamos ou a exaltamos, mas nunca a deixamos crescer livremente. E a liberdade é fundamental para que o fato da inveja se revele em toda a sua plenitude, expondo as sutis variações de sua forma, de sua intensidade e de quanto a caracterize. Em clima de repressão, a inveja dificilmente virá à luz. Mas, ao se expor, dá-se a sua natural extinção; e ao desaparecer a inveja nós nos defrontamos com o fato do vazio, da solidão e do medo. À medida que cada um desses fatos floresce em liberdade, cessa o conflito entre o observador e a coisa observada; ao

desaparecer o censor, resta unicamente o ato de observar e ver. A liberdade nasce da ação total, jamais da repetição, da repressão, ou da sujeição a um dado padrão de pensamento. E só existe a perfeição da completa integridade no florescer e no morrer; se uma coisa não terminar, nunca poderá florescer. Aquilo que tem continuidade é o pensamento através do tempo. Ao florescer, o pensamento deixa de existir, pois é somente na morte que surge o novo. Para que o novo surja é preciso que cesse todo o conhecido. O novo não nasce do pensamento, do que é velho; ele deve morrer para que desponte o novo. Tudo o que floresce deve necessariamente findar.

17 de Novembro de 1961

De *O Diário de Krishnamurti*, pg. 154-155

© 1976 Krishnamurti Foundation Trust LTD., Londres.

Encontro internacional de comitês

No último dia 3 de julho, a convite da Krishnamurti Foundation Trust, nossa instituição participou do International Committees Meeting (Encontro Internacional de Comitês), em Brockwood Park, na Inglaterra. Comitês de 22 países do mundo, como Tailândia, Alemanha e Bulgária, enviaram representantes para um dos mais importantes eventos ligados à preservação e divulgação dos ensinamentos ao redor do mundo.

Durante o evento, tivemos a feliz oportunidade de conhecer de perto o trabalho dos outros comitês, assim como os responsáveis por esse trabalho. Além do enriquecimento trazido exclusivamente pela experiência, ampliamos nossas perspectivas ao alinhar projetos e pontos de vista com os outros membros. Apenas a título de exemplo, a partir de agora temos um contato internacional direto para questões de tradução, o que acelerará bastante nosso trabalho de ampliação do acervo disponível em português. Trabalhamos também na proposta de criação de um grupo de discussão internacional on-line, voltado exclusivamente para os comitês. Através dele, poderemos criar projetos conjuntos e estar mais próximos das atividades dos outros países, bem como da própria KFT.

Não bastassem esses benefícios, estreitamos ainda mais nossa relação com as Fundações. Nesse momento em particular, em que KFT e KFA buscam solidificar seus esforços e aproximar-se cada vez mais, é extremamente significativo que nós, assim como os outros comitês, colaboremos nesse esforço. Demos mais um passo em direção ao estabelecimento de um único corpo, de um esforço integral pela preservação e divulgação da obra de Krishnamurti ao redor do globo.

No intuito de compartilhar com o leitor um pouco mais daquilo que esse evento representou para nós, deixamos o excerto de Krishnamurti que nos foi apresentado na abertura do encontro e que, de acordo com nosso representante, foi um dos elementos mais enriquecedores do evento:

"Sua idéia de cooperação é trabalhar em conjunto em direção a um resultado particular. Você tem um ideal - construir uma escola perfeita, ou o que quer que seja - em direção ao qual vocês estão trabalhando, portanto você diz que a cooperação é necessária. Agora, eu não chamo isso de cooperação, em absoluto. Isto é uma forma de cobiça, uma forma de medo, de compulsão. Tampouco é cooperação quando você e eu trabalhamos juntos meramente porque estamos de acordo com relação a alguma coisa. Em qualquer acordo desse tipo, o importante é realizar a coisa em particular, e não trabalhar em conjunto.

Assim, não é cooperação trabalharmos juntos através de alguma forma de

indução, ou por mera concordância, porque por trás de tais esforços há a implicação de se obter ou se evitar alguma coisa. Para mim, cooperação é algo completamente diferente. Cooperação é a diversão de estar e fazer algo em conjunto - não necessariamente algo em particular. A cooperação verdadeira surge, não através da mera concordância em tocar algum projeto juntos, mas com a alegria, o sentimento de união, se se pode usar essa palavra; porque nesse sentimento não há a obstinação da opinião pessoal. Quando você conhecer essa cooperação, saberá também quando não cooperar, o que é igualmente importante." - J. Krishnamurti